

A CORPOREIDADE DO POEMA EM LUIZA NETO JORGE: UM ELO ENTRE O CORPO ESCRITO DA PALAVRA E O CORPO EXPOSTO DO SER

Carolina Alves Ferreira de Abreu¹
Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira²

RESUMO

Neste trabalho propõe-se fazer um estudo direcionado à abordagem do corpo erótico na poesia da portuguesa Luiza Neto Jorge, no livro *Corpo Insurrecto e Outros Poemas*, organizado por Floriano Martins, ressaltando a relação do corpo do poema com o corpo condicionado social e historicamente. Neste caso, o poema é considerado como um sujeito feminino marcado pelo tempo e espaço e que dialoga tensamente com os outros. Para isso, utiliza-se como fundamentação teórica as ideias de Georges Bataille no livro *O Erotismo*, bem como as de Octavio Paz, no livro *A Dupla Chama*, os quais discutem a relação do sujeito com o mundo baseada na erotização da linguagem. Complementa-se a base teórica com as ideias de Roland Barthes, no livro *Aula*, que discorre sobre as relações da linguagem como um ato de *despoder*.

Palavras - Chave: Luiza Neto Jorge, Poesia Portuguesa do Século XX, Erotismo.

ABSTRACT

This work intends to make a study directed to the erotic body approach in the poetry of the Portuguese Luiza Neto Jorge, in the book *Corpo Insurrecto e Outros Poemas*, organized by Floriano Martins, emphasizing the theme of the poem body in relation to the social body conditioning and historically, as the embodiment of the poem seen as a subject, in this case with the female identity, gender, limits in time and space and relationship with others. For this, it uses, as theoretical basis the ideas of Georges Bataille in the book *O erotismo* as well as the Octavio Paz', in the book *A Dupla Chama*, which discuss the relationship of the subject with the world based on eroticization of language. The theoretical basis are complemented with the ideas of Roland Barthes in his book *Aula*, which discusses the relationships of language as an act of *despoder*.

Keywords: Luiza Neto Jorge, Portuguese Poetry of the Twentieth Century, Eroticism.

INTRODUÇÃO

A obra de Luiza Neto Jorge foi construída durante a ditadura imposta a Portugal, pela qual António José Salazar pretendeu difundir a ideia de unicidade ideológica e tentou promover, a seu modo, a reeducação do povo, persuadindo, por meio de propaganda, de que estava acontecendo uma revolução nacional. Tal perspectiva retomava a alusão de um Portugal da Renascença, marcado pelo mito polingénético, ou o mito do recomeço, pelo qual

¹Aluna graduanda do sétimo período de Letras – Língua e Literatura Portuguesa; Discente bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

²Orientadora do Projeto intitulado “O Corpo Ideológico do Poema: Um Recinto de Luta em Luiza Neto Jorge”; Professora Dr.^a de Literaturas em Língua Portuguesa do DLLP e do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFAM.

ele e sua equipe objetivavam interromper a decadência na modernidade. Segundo Fernando Rosas (2000), este contexto de ideal revolucionário proposto pelo Estado Novo, em semelhança com outras realidades totalitárias, estava associado à criação de novos cidadãos portugueses em um regime genuinamente nacionalista. Contra esse ideal, ao artista não bastava apenas o engajamento político partidário. A poesia se “armava” contra o acontecimento histórico vigente e fazia disto um ato que pudesse ultrapassar aquela realidade e despertar a consciência do quanto a proposta da ditadura era nociva à sociedade. A quebra do discurso normativo da ditadura e a inovação da linguagem poética desconstruíram e reconstruíram o ambiente do homem português, indo além, levando este homem à reflexão sobre o ser.

Nesse contexto deve-se entender a produção artística de Luiza Neto Jorge. A utilização da linguagem erotizada na obra dessa poetisa portuguesa mostrou a necessidade de compreender o corpo e suas dimensões. Por isso, apresenta-se, neste artigo, um histórico a respeito da representação da escrita poética como o corpo de um homem, tornando, assim, a discussão mais bem fundamentada. Também apresenta-se a discussão sobre a reação do homem no espaço e tempo que habita e constrói diante das convenções estabelecidas no sistema social. Como bem evidenciou Roland Barthes (1977) em *Aula*, a transformação do mundo é inevitavelmente a transformação da linguagem para combater os vícios, ultrapassando e/ou se adequando aos estereótipos que constroem o mundo. A naturalidade desta visão conceitual mostra como se constituem e estabelecem as formas de opressão. Por causa disso e pelo fato de a língua ser o lugar do despoder, Luiza Neto Jorge emprega variadas possibilidades de representar o combate e a transformação das convenções sociais: “foi como exercício de despoder que ela se tornou um lugar de invenções, de experimentação e de fruição” (MARTELO, 2008, p.10). Complementando: um estado de fruição da língua para o ser, um recinto de luta motivado pela inquietação estética e ética que é construído sob o itinerário da poesia.

Luiza Neto Jorge foi vinculada à Revista *Poesia 61*, junto com Gastão Cruz, Fiana Hasse Pais Brandão, Casimiro de Brito e Maria Tereza Horta (SILVEIRA, 1986), todos jovens poetas que direcionavam o novo fazer poético. No âmbito da escrita dos anos de 1960, o objetivo era repensar a tradição discursiva, estética e contextual, desviando a linguagem para uma multiplicidade de sentidos, ora construindo, ora desconstruindo discursos ideológicos, o que proporcionou uma eficaz renovação literária. Sua produção poética fundamentava-se na revolta manifestada pelas palavras, sob o aspecto de pulsão política, conflito entre o sujeito e as instituições sociais, de modo a associar este embate ao erotismo

como prática libertária do próprio corpo. Para a poetisa, o poema é um corpo erotizado, um indivíduo ativo no espaço, e, portanto, capaz de lutar pela liberdade em um ambiente lusitano opressor e ditatorial de construir um itinerário artístico conforme muito bem demonstra Alilderson Cardoso de Jesus (2010), ao afirmar que o legado poético de Luiza Neto Jorge é observado pela extrema fúria e delicadeza na luta com as palavras e pelas palavras.

Na obra de Luiza Neto Jorge, é evidenciada a completa relação do corpo do ser com o corpo da palavra. Por isso, o corpo do poema ambienta-se historicamente na tentativa de anular as amarras do sujeito que se encontra em um estado de opressão. Assim, o sujeito do poema é, ao mesmo tempo, a própria escrita, que busca inovação estética, social e cultural.

DISCUSSÃO HISTÓRICA: REFLEXÕES ACERCA DO CORPO

Para refletir sobre a realidade histórica do corpo e suas representações no processo cultural, é preciso traçar algumas considerações a respeito de como este procedimento complexo tem surgido. O processo histórico do corpo difunde um vasto contorno de como determinada cultura ou sociedade o concebe, partindo das particularidades intrínsecas da realidade, ora realçando, ora anulando estas. Mas o que necessariamente foi este corpo durante sua história? Atrelado a amplos significados, tem-se que, ligado à etimologia, “esse substantivo (corpo) vem do latim *corpus*, *corporis*, resultando na família: corpulência, incorporar, etc” (DAGOGNET, 2012, p.1). O *corpus* proposto neste primeiro momento é o que faz referência ao corpo morto em contraposição à alma. Em outras instâncias, o corpo forma-se a partir do seu sentido material, representando, segundo François Dagognet, uma atividade sólida, tangível, dependente de sua forma bem visível. O corpo é ainda composto por uma modalidade mais abrangente: “o corpo de uma doutrina” ou “o corpo central de uma edificação” (DAGOGNET, 2012, p. 2). A história do corpo complementa uma vasta percepção, direcionando, ao longo do tempo, modelos, maneiras e referências de como o homem ou a mulher devem se comportar, ou melhor dizendo: “A história do corpo humano é a história da civilização” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p.24).

Analisar a representação do corpo em algumas épocas é delinear o modo como se imaginou a relação entre os seres humanos, entre estes e o ambiente e as relações ou elementos que condicionam progressivamente estas duas perspectivas, como bem salientam os autores citados há pouco: “É importante salientar que os períodos considerados não se constituem de forma independente uns dos outros, mas vão-se encadeando uns nos outros ao longo do tempo” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 24). Como exemplo tem-se o

surgimento dos dogmas da Igreja Cristã, a qual se fundamenta na concepção Criacionista, que designa ser o corpo do homem sagrado, pois foi criado por Deus a sua imagem e semelhança. Este corpo sagrado vive um constante combate com outro corpo distanciado do Deus cristão: o corpo profano. Muito antes, na Grécia, de maneira semelhante a esta fundamentação cristã, Platão discorre sobre os “estados de consciência”, propondo a importância de conhecer-se a si mesmo, em detrimento do fato corporal. Depois da Idade Média, concebem-se novas lógicas a respeito de tal proposição. O corpo passa a ser entendido como algo estritamente objetivo, separado da alma e relacionado à razão, como no “corpo-máquina” de Descartes, ou como no conflito entre o desejo e a prática sexual e a moral defendida pela Igreja, analisado por Freud. Essas ideias sobre o corpo provocam a crise do sujeito que quer exercer sua liberdade. Enfim, referir-se ao corpo como criação à imagem e semelhança de Deus é tratar de uma realidade ainda difundida na cultura ocidental.

A POESIA PORTUGUESA NA CONTEMPORANEIDADE E O LUGAR DE LUIZA NETO JORGE

A poesia portuguesa da segunda metade do século XX deu-se em um contexto de inevitáveis críticas dos poetas à opressão e ao autoritarismo. A realidade social e econômica do país se baseava em um sistema conservador que retirava o direito à liberdade. Tal condição levou os poetas a proporem a transgressão desse espaço social, como também a combaterem a tradicional forma de fazer a arte literária. Discorrer sobre essa nova fase poética é fazer um itinerário dos versos de Luiza e dos jovens poetas da *Poesia 61*. Eles ousaram quebrar estruturas arraigadas na formação da poesia, seja no campo dos costumes linguísticos, seja no social estratificado, levando o recurso artístico de desorganização discursiva do poema mais além. Na desconstrução da realidade por meio destas duas extremidades existe a necessidade da construção consciente de uma escrita resistente e “insurrecionada” para representar outro lugar para a poesia e ao mesmo tempo para a sociedade portuguesa, nas quais a liberdade de criação e de expressão e de comportamento seja valorizada. A condição da mulher na ditadura constituída pelo Estado Novo, liderado António de Oliveira Salazar, provocou o surgimento da voz de Luiza Neto Jorge. Como bem salientou Rosa Maria Martelo, a voz dessa poetisa é “dinamitadora das evidências e do senso comum”, a qual forma uma das maiores obras da poesia portuguesa empenhada do século XX.

A ideia de uma nova identidade poética surgiu em um movimento revolucionário que inter-relacionou o poema e o sujeito, pois deste deriva a experiência do ambiente e a

necessidade de redefinição no tempo e lugar, evidenciada nas projeções discursivas pelo movimento de desordem e de força contra o processo histórico da ditadura. Para os poetas da Poesia 61, a linguagem é um artefato essencial e útil. Segundo Jorge Fernandes da Silveira:

o poema existe no espaço tenso entre a força da palavra e as contingências histórico-sociais que ameaçam o livre curso da fala. Nos poemas a realidade é um dado que se transforma no espaço da escrita. Transformação que não esquece, contudo, o motivo que faz da liberdade uma necessidade do poema (1986, p.249).

A necessidade de transgressão difundida na força do poema traça, pois, na moderna poesia portuguesa, o plano da desconstrução da autoridade do poder da ditadura em Portugal e em grande parte da Europa. Os poetas do grupo acima referido são oriundos de uma organização que se posiciona pela resistência à imposição ao ser humano de um modelo histórico e que propõem ao homem que assuma suas dimensões de sujeito observador e experiente da sua realidade. Segundo Roland Barthes, as condições de insurreição contra este conceito de poder emergem com a linguagem “ou, para ser mais preciso, em sua expressão obrigatória: a língua” (1977, p. 6), posto que esta tem a obrigação do dizer, não se consumindo na própria mensagem e estabelecendo um serviço a um poder, seja ele qual for. Luiza Neto Jorge, oriunda do panorama literário de um Portugal efervescente por causa de seus artistas durante a década de 60, insere-se nesta perspectiva da linguagem “insurreccionada”, representando um “traço de alarme”. Entre esses intelectuais, Jorge Fernandes da Silveira (1986) ressalta: “Até hoje a crítica portuguesa questiona se houve ou não um grupo poético ou um movimento em torno de *Poesia 61*” (1986, p.15). Este crítico literário afirma que, além de o grupo ter existido, sua função poética foi de grande importância para o momento de ditadura pelo qual o país passava. A poesia de Luiza Neto Jorge se inclui na proposta desse grupo, no qual a criação de uma linguagem precisa na construção do poema convergia para o embate no campo social, econômico e estético, e na qual era necessário olhar para o presente em contraposição com o passado opressor para reconstruir tanto o espaço da identidade literária e cultural quanto da identidade social.

Luiza Neto Jorge se reconhece como uma mulher que escreve poesia insurreccionada, como uma poetisa que não visa unicamente a necessidade da estética em detrimento da realidade do poeta e do meio no qual vive. Ela visa a construção da poesia em consonância com a construção artística e sociocultural, reconstrução que se fazia necessária. Retomam-se as palavras de Rosa Maria Martelo (2008) a respeito do lugar inquestionável de Luiza na poesia portuguesa contemporânea, porque na sua desordem rebelde no remexer das palavras,

inovou, através da realidade erótica e por isso transgressora, o fluir da realidade social, política, econômica e cultural.

Dar voz à Luiza Neto Jorge ou salientar este “traço de alarme” procedente de sua personalidade poética é buscar dar voz também a uma tentativa de desconstrução de outras vozes, ou melhor dizendo, de outro corpo que ostenta tais vozes e que evidenciam um discurso opressor. Essa voz pode ser analisada sob a concepção de François Dagognet (2013), quando salienta que a voz é um estar nu para o outro a partir da escuta, sendo este outro um realizador do estado desta alma. Encontra-se, pois, a *persona*, o sujeito que se apresenta através de uma voz, que o identifica e o representa. Luiza Neto Jorge é considerada pela crítica literária nesta relação entre o poeta que escreve e fala e o leitor que vê e ouve o poema. A crítica reconhece esta *persona* que se difunde na criação poética de Luiza. Assim, a arte literária rompe com as tiranias e evidencia, através do poema, o seu lugar: uma instância de *despoder*, um lugar libertário da realidade estética.

A poesia de Luiza Neto Jorge é também, e por causa do que foi discutido acima, o lugar da libertação erótica da mulher, pois se pode fazer a analogia da realidade em que vivia a mulher em um espaço patriarcal, na década de sessenta e da ditadura salazarista, que a colocava em situação de inferioridade, porque determinava os papéis sociais que ela deveria exercer: filha, esposa, mãe e dona de casa. O Salazarismo via a mulher como “um indivíduo que deveria se manter fiel a sua natureza”, sendo sua finalidade social o cuidado com a família e com o lar: “o salazarismo acrescentou que deve ser uma mãe devota à pátria e ocupar-se do ‘governo doméstico’” (COVA; PINTO, 1997, p.72). Ela era vista também como um bem de consumo do marido e artefato de reprodução da força de trabalho

LUIZA NETO JORGE: O CORPO INSURRECIONADO É O CORPO REVOLTO DO POEMA

As relações às quais a obra literária está inserida permitem que não se vejam construções separadas sobre a sua difusão. Ou seja, não se toma em sua análise uma única concepção, mas as que abrangem sua estruturação na relação mais conceitual da linguagem em consonância com o que rege tais estruturações no campo social, político, cultural ou das relações humanas. Deve-se evidenciar o vínculo entre texto (poema ou *corpus*) e contexto (lugar) numa associação que vincula o meio externo na construção do meio interno. O primeiro deve ser considerado pela associação com o conteúdo social, ideológico; o segundo, pelo aspecto mais minucioso da língua.

A esse respeito, Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, afirma que uma análise literária requer uma interpretação dialética: “percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas.” (CANDIDO, 2006, p.33). Tanto a obra influencia o meio como o meio influencia a obra, a qual se tem a expressividade de fatores socioculturais, que se disseminam para o meio numa constante tentativa de compreensão ou mesmo apreensão de mundo. Como bem explicita Mário Faustino sobre tal associação:

No primeiro caso, a poesia serve à sociedade testemunhando-a, interpretando-a, registrando as diversas fases espaciais e temporais de sua expansão e evolução. Nisso a poesia é como toda a arte: um documento vivo, expressivo, do estado de espírito de certo povo, em dada região, numa época determinada. A poesia, aliás, é incomparável quando registra – com a capacidade condensadora e mnemônica de que só ela é capaz – certas nuances de ponto de vista, de atitude, de sentimento e de pensamento, individuais ou coletivos, nuances essas que, muitas vezes, são bem mais expressivas de um povo e de uma época, do que os grandes acontecimentos. (1977, p.33)

É nesta relação que se condiciona a realidade poética sob a qual o artista é um fazedor da arte com funcionalidade revolucionária: “É através da linguagem que o escritor se apropria do mundo e inventa a sua própria realidade” (FACINA, 2004, p.8) e, por isso, os poemas “são produtos de sua época e de sua sociedade” (FACINA, 2004, p.9). Para que esta ação se faça é preciso um aprofundamento sob a realidade histórica pela qual passa determinada sociedade, não uma simples observação do que cerca o poeta, mas há a necessidade de observar a realidade para, de posse da observação, “agir sobre eles (os homens), experimentando-os para melhorá-los” (FAUSTINO, 1977, p.45). Daí a propensão da literatura de ser, no mais íntimo lugar da criação, o motivo da renovação, seja ela ética ou estética.

Especificamente no movimento de criação de Luiza Neto Jorge há decerto a urgência do discurso artístico de revolução literária e política devido ao autoritarismo de Antonio Salazar em Portugal: “pelas mãos dos poetas, a língua portuguesa na década de 1960 é levada a um grau de tensão quase invisível. Um amplo e variado conjunto de dispositivos de intensidade que iluminavam obscuramente uma realidade intratável” (SERRA, 2010, p.117). Esse efeito da obra conduz ao que afirma Candido (2006) sobre a análise literária: deve-se verificar na constituição da obra o significado presente em um conjunto de elementos que se inter-relacionam (realidade social e estética).

Luiza Neto Jorge cria na sua poesia a dimensão do erotismo como um aspecto da transgressão a convenções, a imposições, e levanta, dessa maneira, questionamentos sobre

uma causa justa, que é o empenho nas reivindicações políticas. O espaço do poema trata das relações construtivas do erotismo que se materializa em um corpo, seja ele o do homem ou o da escrita, estando todos simultâneos e sobrepostos, conforme se lê no texto abaixo:

O lugar de repouso
está por inventar
A cidade é morna
o rio vazio
nem o mar é filho do mundo
nem o mundo é mar
nem o meu corpo um chapéu de ilusionar

A cidade é morna
o espaço baço
nem caem da face os olhos
nem se perde o braço
(JORGE, 2008, p. 61)

Neste poema intitulado *Esta cidade* observa-se a construção de um lugar ambientado por uma realidade caótica e não menos alarmante, que impulsiona a um novo olhar. “A cidade é morna/ o rio vazio”, remonta à perspectiva de um espaço sem identidade, sem novidade e que pode fundar qualquer outro recinto, cuja experiência se construa de modo mais intensificador. Desta forma é que “a poesia deveria reflectir esta atitude, ser esta atitude, explodindo de raiva ou de sarcasmo, rasgando, ferindo, um mundo monstruoso, apesar de apodrecido” (CRUZ, 2010, p. 32). Complementa-se a observação de Gastão Cruz, com outro trecho de um poema de Luiza, no qual ela escreve que existe um “jogo de relâmpagos sobre o mundo/ De só imaginá-la a luz fulmina-me/ na outra face ainda é sombra” (JORGE, 2008, p.16).

O corpo este, por sua vez, intensificado pelas relações sustentadas, em constantes embates que fazem deste um corpo atuante, e formado pelas instâncias em que se vive, este lugar reforça a necessidade do corpo de sublevação, massificado pelas propostas ideológicas do Estado Novo sob as quais a “essencialidade portuguesa” (ROSAS, 2000, p.4), que se tratava de “reeducar” os portugueses sob um conceito de nação regenerada pelo liberalismo. A ditadura de Salazar prega tais ideias, como também a família como uma forma de integridade da nação em “bons costumes”.

O corpo humano, ascensor de uma identidade enquanto ser vivo, está relacionado à sua estadia e feitoria sobre o espaço em que se está condicionado, ou sobre o outro, como também nas desconstruções ou construções discursivas nas quais se pode realizar. O poema situa-se paralelamente a esta definição, como um indivíduo ativo no espaço em que está

direcionada sua atuação. De resto, pode-se adaptar ainda tal conceito como uma busca pela identidade feminina que passa pela afirmação do corpo e da sexualidade. Constata Alilderson Cardoso: “Por essas e por outras razões, quando tento falar a partir do ‘corpo de Luiza Neto Jorge’, penso no quanto é importante e, diria, urgente não reduzir a poesia que dele nasce a um breve passeio pelo bosque dos desejos eróticos” (CARDOSO, 2010, p.60).

Nesta relação, segundo Octávio Paz (2001), o erotismo e a poesia se inter-relacionam sob a realidade de que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal, complementados por uma oposição:

“A linguagem – som que emite sentido, traço material que denota ideias corpóreas – é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal – é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora” (PAZ, 2001, p.12).

A poesia erotiza a linguagem e o mundo, uma vez que seu modo de ação é erotismo; o erotismo é o sexo em ação, interrompendo a finalidade da função sexual. Em *O poema*, pode-se evidenciar tais construções, pois o corpo tem a necessidade de fincar no mundo, gritando seu desejo:

Esclarecendo que o poema
é um duelo agudíssimo
quero eu dizer um dedo
agudíssimo claro
apontado ao coração do homem

Falo
com uma agulha de sangue
a coser-me todo o corpo
à garganta (JORGE, 2008, p.41)

A importância da matéria escrita neste poema é visível, quando se tem o esclarecimento do poema como um duelo ao mundo externo e formidável, como também a necessidade de divulgá-lo ao outro, “apontado ao coração do homem”. Nas condições sexuais, “falo”, na concepção de órgão sexual, mas também de um enunciado, um grito diante de um lugar reprimido pelas autoridades salazaristas, à censura, ao corpo estabelecido e moldado como um templo divino, através de “uma agulha de sangue / a coser-me todo o corpo / à garganta”. Este corpo que grita e ecoa a liberdade se expõe, nu, atravessando as barreiras da moral que o impulsionava ao pudico.

O corpo, predisposto como um elemento sexual é rebelde, pela forma violenta como confronta a si próprio, ao outro ou ao meio. Este corpo, cuja estrutura se consolida de forma

diversa, está paralelo à linguagem, também construída de múltiplos sentidos muitas vezes subentendidos. Assim como também se inscreve enquanto sujeito numa adaptação erótica que compara a atividade escrita à atividade sexual. Sua poética caracteriza-se, portanto, pela sutil forma de transgressão, bem como a (des)continuidade e violência da qual o corpo (escrita) está propício a representar como um aspecto ora universal, ora individual da consciência do sujeito. Bataille pondera: “A poesia conduz ao mesmo ponto como cada forma do erotismo; conduz à indistinção, à fusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, à morte, e pela morte, à continuidade” (BATAILLE, 1987, p. 18).

Em “O corpo insurrecto” podemos evidenciar algumas dessas relações propostas por Bataille. A princípio, a poeta desmistifica o corpo como uma matéria que viola ou que é violado o “corpo é insurrecto”: “Sendo com o seu ouro, aurífero,/ o corpo é insurrecto./ Consume-se, combustível,/ no sexo, boca e reto”. Mas também afirma este como algo infrator de si próprio, como um elo com a identidade subjetiva ou com algo mais universal feito o espaço em que se ambienta: “O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão” (BATAILLE, 1987, p. 20). Há na primeira estrofe este conceito de corpo, e na segunda uma premência ao ato sexual, desenvolvendo-se no âmbito erótico: “Ainda antes que pegue/ aos cinco sentidos a chama,/ por um aceso acesso/ da imaginação/ ateiavam-se a cama”. Bataille nos afirma sobre este último que os homens são os únicos a tal disposição ou movimento, o que nos diferencia dos animais no ato sexual. Assemelham-se pela reprodução, produto da atividade sexual entre seres sexuados.

Na quarta e na quinta estrofe evidencia-se o desaparecimento de um momento e do ser deste momento, para acrescentar o excesso comum aos dois. Através deste excesso há modificação do corpo, como também a energia que é preciso gastar no crescimento das gônadas e da unidade psicológica do ser: “Apertando o corpo recém – nascido / no ovo solar, / há ainda um outro / corpo incluído”. No decorrer do poema observa-se a evidência do ato sexual e de suas ações pelos corpos e seres, como ainda a introspecção na qual o ser adentra num isolamento: “Estamos falando de crise que é o efeito interior de um fato objetivamente conhecido. Conhecida objetivamente, a crise introduz um dado interior fundamental desse fato” (BATAILLE, 1987, p. 66).

Viola-se o comportamento habitual, de modo que a nova condição de transgressão causa estranhamento: “A ruptura se consuma, uma onda tumultuosa se perde, depois a solidão do ser descontínuo se fecha. A única modificação da descontinuidade individual de que o animal é suscetível é a morte” (BATAILLE, 1987, p.68). Junto à premência da morte está o

processo descontínuo e contínuo em que o sujeito se inscreve e a violação da ordem real da qual a “pequena morte” (orgasmo) está interligada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o corpo humano e suas dimensões é pensar também sua história na humanidade, sob a qual sofreu fortes processos de modificação. Construir suas concepções diante das relações sociais, culturais e tecnológicas foi importante para compreender o quanto o corpo foi um mero preceptor de modelos vigentes, que o encarceraram diante do mundo e de sua extensão. Como também foi reprimido por estes mesmos padrões que estigmatizavam o corpo não herege, o corpo fora da relação alma e relações sensitivas. O advento do mundo moderno modifica o corpo devido aos avanços na ciência até condicioná-lo à contemporaneidade, trazendo à tona intensas mudanças sobre a percepção do corpo e suas ações. O ser torna-se um agente insurrecionador dos comportamentos vigentes, principalmente da conduta sexual.

Há uma característica importante nos versos da poetisa: A escrita erotizada. Isto é, o erotismo através da escrita do próprio texto. Este erotismo não se fundamenta a um mero estado sensual de corpos, mas à vida que se dá ao poema e à sua criação fundamentada no ato sexual. A poetisa não impulsiona o leitor a entender somente como um corpo humano, mas como um corpo textual entrelaçado ao fascínio dos limites de quem cria e do que é criado. A transgressão, a violação, o orgasmo do ser nos processos de atividade sexual estão carregados de simultaneidade à escrita erótica do poema. Este último precisa ser talhado por alguém ou algo que necessite ora se posicionar, ora anular sua própria identidade para que no final da criação se obtenha no espasmo da alma do criador uma renovação ou realização do que se colocou a desempenhar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. Psicologia e Sociedade. Porto: Portugal, 2011.

BARTHES, Roland. *Aula – Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. 14ª edição. Tradução e posfácio de Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Alilderson. *Um corpo Insurrecto é a casa do mundo: O sexo Luiza Neto Jorge*. In: COVA, Anne; PINTO, António Costa. *O Salazarismo e as Mulheres: Uma abordagem comparativa*. In: Penélope: Gênero, Discurso e Guerra, nº 17. Lisboa, Portugal, 1997.

CRUZ, Gastão. *A Quarta Dimensão da Poesia de Luiza Neto Jorge*. In: ALVES, I. *Um Corpo Inenarrável e Outras Vozes – estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Niterói: Editora Eduff, 2010.

DAGOGNET, François. *O Corpo*. Tradução de Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

FAUSTINO, Mário. *Poesia Experiência*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

JORGE, Luiza Neto. *Corpo Insurrecto e Outros Poemas*. São Paulo: Editora Escrituras, 2008.

MARTELO, Rosa Maria. *Um Jogo de Relâmpagos*. In: JORGE, L.N. *Corpo Insurrecto e Outros Poemas*. São Paulo: Editora Escrituras, 2008.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. 5 ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

ROSAS, Fernando. *O Salazarismo e o homem novo: Ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*. In: *Análise Social*, Lisboa, v. xxxv, nº 157, 2001.

SERRA, Pedro. *Materiais em Transe e Estilo Tardio em Luiza Neto Jorge*. In: ALVES, I. *Um Corpo Inenarrável e Outras Vozes – estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Niterói: Editora Eduff, 2010.

SILVEIRA, Jorge Fernandes. *Portugal Maio de Poesia* 61. Portugal: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1986.